
ENTREVISTA COM GUILHERME GONTIJO FLORES

Interview with Guilherme Gontijo Flores

Sheila Dálio¹Fabiano Rodrigo da Silva Santos²

“Aos dodôs,
Aos que vieram antes
E depois”
 (“A Mancha”, Guilherme Gontijo Flores)

Guilherme Gontijo Flores (1984) é hoje, inegavelmente, uma das vozes mais proeminentes da literatura brasileira. Poeta, crítico, tradutor, performer e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ele é reconhecido por trabalhos como *Brasa enganosa* (Patuá, 2013), *Tróia*des, (Patuá, 2015), *l'azur Blásé* (Kotter/Ateliê, 2016), *Adumbra* (Contravendo, 2016), *Naharia* (Kotter, 2017), *carvão: : capim* (Editora 34, 2018), *Avessa: Áporo-antígona* (Cultura e Barbárie/quaseditora, 2020) e *Todos os nomes que talvez tivéssemos* (Kotter/Patuá, 2020), além do romance *História de Joia* (Todavia, 2019), *Arcano 13* (Quelônio, 2022). Como tradutor, publicou, entre outros: *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton (4 vols., Editora UFPR, 2011-2013, vencedor dos prêmios APCA e Jabuti de tradução), *Elegias de Sexto Propércio* (Autêntica, 2014, vencedor do Prêmio Paulo Rónai de tradução, da Fundação Biblioteca Nacional), *Fragments completos de Safo* (Editora 34, 2017, vencedor do Prêmio APCA de tradução), *Epigramas de Calímaco* (Autêntica, 2019), *Para um túmulo de Anatole* (Kotter Editorial, 2021) e *Pantagruel e Gargântua*, de Rabelais (Editora 34, 2021), Foi um dos organizadores da antologia *Por que calar nossos amores? Poesia homerótica latina* (Autêntica, 2017). Sobre o mais

¹ Atualmente é doutoranda na UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, na linha de pesquisa de Leitura, Crítica e Teoria Literária. juliana.dalio@unesp.br

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis, instituição onde é professor assistente.

recente livro de poesia de Gontijo, *Plotlatch* (Todavia, 2022), ressalta Caetano Galindo: “maior poeta de sua geração”.

Na entrevista a seguir, conversamos sobre seu livro de estreia na literatura infantojuvenil, *A Mancha* (FDT, 2020 – Prêmio Cátedra Unesco), parceria com o ilustrador Daniel Kondo³ (1971), e sobre o poema ainda inédito, dedicado ao dodô, para o livro *Desembarcados* (título provisório), a ser publicado.

“Como é que você acha que cresce aquela mancha?” – são os versos iniciais do poema-imagem que nos apresentam a maior catástrofe ambiental já registrada no litoral brasileiro, provocado por uma enorme mancha de petróleo de origem desconhecida. O livro, lançado pouco tempo depois da tragédia, conta com apreciação da crítica, sendo indicado em 2021 pelo Clube de Leitura da ONU, o Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Também em 2021, o livro foi traduzido para a Coreia do Sul, por intermédio da editora sul-coreana Hanulim Publishing, que obteve os direitos autorais da obra. O livro ainda conta com dois vídeos, disponibilizados pela editora FDT o booktrailer⁴ e pelo Festival Artes vertentes⁵. Poderíamos perguntar: pode o trágico falar às crianças? É o que o jogo sonoro das palavras e o jogo das imagens *d'A Mancha* nos diz. Fazendo uso de um vocabulário acessível, com rimas toantes e consoantes – “e avança em sua marcha/ fazendo tudo um triste lixo/ nas areias/nos seixos” – e com desenhos facilmente identificáveis, a partir da união poema-imagem. O livro permite que os leitores, crianças e adultos, não apenas conheçam a história da tragédia ambiental, mas também que se reconheçam como pertencentes a um mundo assombrado por ruínas e catástrofes.

³ - “Daniel Kondo nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Atualmente é radicado no Uruguai. Artista gráfico e ilustrador, é autor de livros infantis. Com grandes parcerias na literatura, é um dos mais premiados autores do país. Com títulos publicados por diversas editoras, entre eles se destacam: Tchibum! (Cosac Naify, 2012, com Gustavo Borges - Premiado na Feira Infantil de Bolonha), Monstros do Cinema (SESI -SP, 2016, com Augusto Massi - finalista do Prêmio Jabuti), A Mancha, (FTD 2021, com Guilherme Gontijo Flores). E PSSSSSIU! (Salamandra, 2020, com Silvana Tavano). Pela Companhia das Letrinhas, publicou a coleção "Coletivos on the Table" (2012) e Opostos on the Table, (2013) entre outros” (informações retiradas do site da Companhia das letras).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIJsEV-Z7NU&t=30s>. Acesso em 2 jun. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSokm7nWPXs&t=12s>. Acesso em 2 jun. 2022.

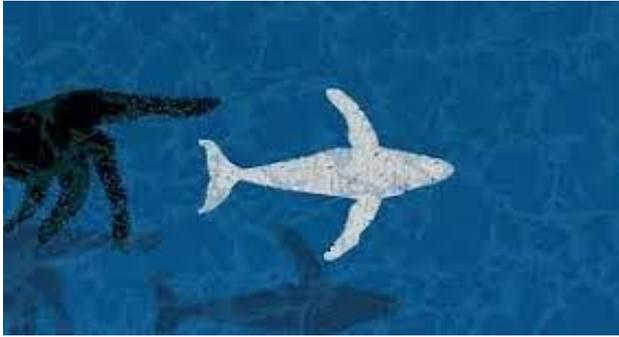


Figura 1. Ilustração de Daniel Kondo para o livro *A Mancha* (2020)

1 - O livro A Mancha (2020), em parceria com o ilustrador Daniel Kondo, é sua estreia na literatura infantil. Poderia nos contar um pouco sobre como se deu o percurso/processo de composição da obra?

GGF: Eu conheci o Daniel Kondo quando traduzi para o inglês os poemas do livro *No cangote do Saci*, que ele fez em parceria com os poemas da Maria Amélia Dalví, que por sua vez foi minha colega de graduação na Ufes. Acho que bateu uma afinidade imediata nas poucas trocas de ideia, de jeito que pouco tempo depois ele me propôs fazer um livro com ele. Nessa proposta, ele meio que já tinha tudo esboçado: a ideia da mancha que vai devastando tudo, sua forma de mão, e o fim em que ela se volta contra o próprio leitor. Eu, que não sou besta, achei a ideia impressionante, ainda mais com essa quebra da parede da leitura, levando a uma ameaça sobre quem lê; meio que como nós que por vezes observamos distanciados uma série de desastres ambientais, então claro que topei. Só que a verdade é que passei meses sem conseguir fazer uma linha de texto; a ponto que, depois de um tempo, simplesmente esqueci o livro. Mas acontece que inconsciente é caixa-preta; e numa noite um pouco mais agitada mentalmente eu fui assolado por um sonho que era apenas o poema d'*A Mancha*, já com essa sonoridade, que também ameaça toda linguagem, já com a ideia de que o substantivo mancha terminaria sendo o verbo manchar. Sonhei esse poema a noite inteira; foi uma noite péssima, como você pode imaginar. E acordei sabendo que o livro tinha texto. Como sou pai, acordei, dei café para as crianças, arrumei algumas coisas da casa e, assim que senti que dava, pedi um tempo para a Nanda, minha esposa, para poder transcrever o poema que vivia no sonho. Eu sabia que se perdesse muito tempo, o poema se desfaria em "anéis de fumo de ópio", como na "Fábrica do poema", do Waly Salomão. Foi assim que nasceu o texto. Depois disso, a gente trocou mil ideias para ajustar: texto precisava

ser parte da imagem, a imagem precisava ser mais que ilustração descritiva do texto – a labuta foi fazer o texto-imagem, poema visual, e nisso foram uns bons dias, em que a amizade terminou de se firmar.

2 - A experimentação da linguagem é a mesma dos livros que você também assina para outros públicos? Há alguma relação entre esses dois projetos, o voltado para o público comum e o voltado para crianças?

GGF Acho que sim, até porque entendo que a poesia não é uma linguagem diferente da linguagem do cotidiano; ela é apenas uma manifestação específica, vive num espaço social singular, de modo que nos dá a chance de perceber e viver melhor o que já está em nós o tempo todo. Se é assim, não há diferença na linguagem, mas, ao mesmo tempo, há um diálogo diferente. Nós conversamos de um jeito diferente com cada pessoa diversa do nosso convívio, também escrevemos diferente para cada relação, porque a escrita é uma vida, então é múltipla e inabarcável.

3 - O livro impressiona pelo excelente trabalho com o texto verbal e a ilustração. Há, nessa relação, uma convergência na criação de uma única imagem desencantada que abarca toda a obra. Da perspectiva do poeta, como se deu o diálogo com as ilustrações de Daniel Kondo?

GGF: Como eu falei na primeira pergunta, a ideia realmente partiu do Daniel. Eu diria que há um clichê de que os ilustradores deveriam preencher imageticamente as ideias dos escritores; mas a minha parceria com ele não tem nada disso. Ele vem com ideias incríveis, que eu posso seguir, porque me instigam. Mas a nossa parceria vem se desdobrando em mais obras, acho, exatamente porque a gente *dialoga*; e isso não quer dizer que a gente conversa e chega a consensos. A gente dialoga no sentido de que tento escrever para a imagem dele; e ele ilustra para o texto; e mais que tudo: nós dois estamos dispostos a mudar tudo que foi feito até um dado momento, para que o resultado final seja mesmo uma imagem-texto, coisa única feita a quatro mãos. Ele sempre vai ser o ilustrador, e eu o poeta; mas posso te garantir que no livro há ideias textuais dele, e ideias imagéticas minhas, que foram se cruzando.

4 - Nesse entrecruzamento de ideias textuais e imagéticas feito a quatro mãos, foram compostos imagens-textos de grande força expressiva, por exemplo: a “Mancha-mão” ao lado dos versos “como é que você acha que cresce aquela mancha?”. Poderia nos dar algum exemplo presente no livro em que o poeta age na ilustração e o ilustrador age no texto?

GGF: Sinceramente, acho que isso acontece o tempo inteiro; ou ao menos é o projeto do livro: fazer com que o tempo inteiro o poema e ilustração não sejam redundantes, mas antes produzam uma terceira relação complexa que só pode surgir da interação. Há detalhes interessantes, como, para ficar num só exemplo, quando a mão avança e toma tudo, deixando apenas a palavra mancha; a sutileza está que, na última palavra mancha, até os caracteres escurecem um pouco, sobre o fundo preto. Tudo está em movimento, o texto é já imagem, e a imagem funda o texto.

5 - A experiência que o livro apresenta em relação à catástrofe ambiental tem seu início na capa, ao simular a mancha do óleo com a textura de piche, outros elementos gráficos, como a utilização das três cores predominantes (preto, azul e branco) e a condensação da tragédia nos versos do poema. Nesse sentido, o livro A Mancha pode ser entendido como uma espécie de metonímia da relação mercantilista que a humanidade tem com a natureza na sua “produção de escassez”? O livro, recorrendo a elementos mínimos para sua compreensão, está nos alertando que a natureza não é inesgotável?

GGF: Sim, com certeza. E para fazer isso ele tenta nos lembrar que não estamos fora da natureza; não existe um fora da natureza, onde viveria o humano apenas segundo suas próprias leis. Não custa lembrar que a raiz etimológica da palavra economia e ecologia estão no *oikos*, que em grego designa a casa. Por que a nossa cultura de algum modo passou a julgar que a economia (as regras para a habitação) vive contra a ecologia (o discurso sobre a habitação)? Tudo é da ordem desse *oikos*, aí ironicamente (e sem qualquer vínculo etimológico) seu eco que nos convoca a fazer do mundo inteiro um lar; e acrescento, fazer do lar uma partilha, e não uma disputa.

6 - A dedicatória aos “dodôs”, ave considerada símbolo de extinção, logo no início do livro, nos oferece a dimensão de alteridade ao rememorar os que vieram antes e depois. Mas, ao mesmo tempo, rememorar os dodôs nos coloca frente à possibilidade de novas extinções. Qual importância os dodôs assumem dentro da composição do poema “A Mancha”?

GGF: Acho que você já disse tudo. O livro precisava transcender o acontecimento empírico que lhe deu origem, que foi a imensa mancha de petróleo que arrasou o litoral do nordeste brasileiro em 2019 e até hoje está sem explicação, certamente por preguiça e descaso. Nesse sentido, o livro é uma cena das mil catástrofes que o homem faz, ou deixa acontecer, ou simplesmente contempla como se não fosse problema seu, como se a natureza fosse um fora da cultura. Por isso a necessidade de dedicar ao

primeiro animal perceptivelmente extinto pelas mãos do homem, os dodôs. E também aos que vierem depois: humanos, animais, sobretudo aos animais que logo somos, porque também podemos nos extinguir. Curioso que estamos preparando um outro livro exatamente sobre animais extintos, num trio de ações com a compositora, instrumentista e cantora Carol Naine; nele fiz um poema específico para o dodô, que já virou uma canção ainda inédita.

7 – Então pretende dar continuidade com trabalhos para o público infantil? Conte um pouco mais sobre esse livro ainda inédito e sobre o poema direcionado ao dodô, se for possível.

GGF: O livro já está textualmente finalizado. O que quer dizer que tenho uma *primeira versão*, e nada mais. Tudo se altera em contato com a imagem do Daniel e com a música da Carol. O nome do trabalho, por enquanto é *Desembarcados*, porque trata de alguns animais que parecem ter perdido a grande Arca de Noé. E sim, é um diálogo contínuo com a obra incrível que foi e é a *Arca de Noé*, com poemas de Vinícius de Moraes e composições de Toquinho e outros compositores. Vai então aqui o poema ao dodô, para dar um gostinho, ao menos do poema.

Que dó que me dá o dodô!
Ê bichinho desengonçado,
ele anda todo embananado;
perdeu o trem e se acabou.

Desde o tempo do seu avô,
parava e já virava um alvo,
e nunca mais ficou a salvo.
Que dó que me dá o dodô!

E que dó que o dodô me dá!
Pois percebeu como é que dói;
a sua corda se corrói
até nas águas se acabar.

E seja aqui ou seja lá,
você bem pode procurar:
ele acabou de se acabar.
Ah que dó que o dodô me dá!

Que dó que me dá o dodô!
E que dó que o dodô me dá!

8 - *No que tange às imagens poéticas e ilustrativas do livro A Mancha, poderíamos pensá-lo como alegoria de um país construtor de catástrofes?*

GGF: Caetano Veloso, esse poeta magistral, mestre do meu altar de santos, tem uns versos muito famosos da canção "Fora da ordem", que dizem: "Aqui tudo parece / que era ainda construção / e já é ruína". Acho que diz tudo, com essa velocidade, essa concisão, essa dureza necessária. As catástrofes recentes de Mariana e Brumadinho, que resultaram no colapso de ecossistemas, modos de vida ribeirinhos, e mateiros, sem contar a morte imediata de muitas pessoas, são prova direta disso; não só por acontecerem, até porque um desastre sempre pode acontecer, mas por acontecerem como tragédia anunciada (e toda tragédia precisa ser anunciada, daí seu quê horrendo de farsa, quando se dá na vida real), por resultarem em nada; por serem portas para as próximas tragédias anunciadas. Eu podia também falar do Museu Nacional, da Cinemateca Brasileira, dos Yanomami, do Pantanal, poderia falar de muitas catástrofes em curso. Se o Brasil já produziu algum projeto de nação, ele é certamente a devastação, e criação plena do *paese guasto*, da *waste land*. No fundo, isso é tema também da minha poesia solo; atravessa violentamente *carvão: capim* (2017), *avessa: áporo-antígona* (2020), *Potlatch* (2022), *Arcano 13* (2022, em parceria com o Marcelo Ariel) e *Entre costas duplicadas desce um rio* (2022, em parceria com François Andes). Minha pergunta tem sido: é possível fazer da arte um sonho de outro projeto, é possível cantar até que se inverta o fim do mundo que vamos produzindo?

9 - *É possível que esse cantar seja feito também pelas vozes das crianças? Seria possível que se inverta o fim do mundo ao oferecer acalanto pela via do terror? Se sim, você enxerga na literatura infantojuvenil esse potencial?*

GGF: Curioso você colocar nesses termos. Me faz lembrar um livro que adoro, *O acalanto e o horror*, de Ana Lúcia Cavani Jorge, em que ela analisa uma parte do nosso repertório de cantigas de ninar precisamente para entender por que cantamos tantos terrores infantis: cuca, bicho-papão, solidão etc. Tudo isso povoa a nossa relação com as crianças desde o primeiro embalo dos bebês, porque é uma demanda simbólica também para os adultos. Por que não poderia ser assim também na infância e adolescência?

10 - *Uma das principais características da sua poética está na preocupação com o ritmo e melodia, criando um estilo singular dentro da geração atual de poetas. Como foi trabalhar essa marca sonora num livro que também se*

direciona ao público infantil? Indo um pouco além, houve a preocupação da “comunicabilidade” sem deixar de lado a fruição estética?

GGF: Eu acho que a criança não precisa ser tratada como mentalmente inferior. Ela nos acompanha, ela, como qualquer adulto, pode ter grande prazer naquilo que não compreende plenamente; ela pode, para resumir, reler, descobrir camadas numa mesma obra ao longo de anos. Então escrevi um poema que tem uma tessitura sonora *manchante*, porque parte dos fonemas da palavra mancha vão engolindo o poema até restar apenas o substantivo mancha e o verbo manchar. Não sei quanto cada criança vai perceber isso do ponto de vista intelectual e analítico, mas ela vai perceber o sentido desse som, isso vai atravessá-la, como fascínio talvez. Então a comunicabilidade está nisso, no ritmo da linguagem. Só não entenda que eu quero ser difícil, na poesia para adultos ou crianças; o mundo é que é difícil, e não vai cobrar nada menos da gente. Complexo é o que somos. E não por que fingir às crianças que qualquer coisa seja simples.

11 - A literatura infantil brasileira já foi entendida pela ótica pedagogizante, como uma espécie de subliteratura, atuando num campo à margem da “Instituição Literatura”. Como o livro A Mancha se distancia desse paradigma?

GGF: Não sei dizer. De verdade. Veja: eu sou professor continuamente desde mais ou menos 2006; mas já dei aulas particulares ou não desde 2002. Quase vinte anos de ensino, isso quer dizer que devo ter um lado pedagógico incrustado que me move, que amo, como bem sei agora que posso voltar às aulas presenciais. Mas, quando escrevo, quando penso e quando convivo amorosamente com o mundo ao meu redor, não tenho interesses pedagógicos. Me interessa mover, mais do que explicar. Se *A Mancha* tiver algum traço fora da ótica pedagogizante, será esse. Seu anseio é fazer, sem precisar explicar nada. A criança vai desdobrar. E, assim espero, o livro será também para adultos. É um poema-imagem, está no mundo para qualquer um.

12- No ensaio “Livros infantis, antigos e esquecidos” (1987, pp. 236-237), Walter Benjamin afirma que “[...]a criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmos as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...]”. Tomando por base o fragmento de Benjamin e a escolha do tema sobre a catástrofe ambiental presente no livro, pode-se dizer que essa também foi uma preocupação sua enquanto escritor de literatura infantil?

GGF: Absolutamente sim. Veja: desde muito pequenos, eu ponho quase

qualquer tipo de música para os meus filhos escutarem. MPB, rock, mas também metal extremo, dodecafonias, jazz experimental etc. Sobretudo quando bem pequenas, as crianças estão realmente abertas a tudo: é a nossa (des)educação dos cinco sentidos que (con)forma as expectativas e nos torna um tanto canhestros. Nesse sentido, sou um pouco avesso à noção mais clichê de "literatura infantil" como uma espécie de facilitador, ou de mediador, para um dia o indivíduo alcançar a "literatura adulta". A criança não precisa disso; e todos nós precisamos de obras que nos forcem um pouco além do que já sabemos, sentimos, vivemos. O que posso dizer, a julgar pelas vezes em que apresentei o livro a crianças diretamente, é que elas estão muito abertas à tensão e à dor que o livro passa; mas ao mesmo tempo sinto que o livro toca muito diretamente os adultos. Nesse sentido, acho que eu e o Daniel fizemos o que julgo forte num livro: não se fechar.

13 - Muitas são as narrativas e personagens infantis que têm povoado o imaginário popular brasileiro. O menino maluquinho (1980), de Ziraldo, O sítio do pica-pau amarelo (1932), de Monteiro Lobato amarelo, Chapeuzinho amarelo (1970), de Chico Buarque, Ou isto ou aquilo (1964), de Cecília Meireles, Uma ideia toda azul (1978), de Marina Colasanti e A arca de Noé (1970), de Vinícius de Moraes – só para citar alguns dos mais conhecidos entre o público infantil e adulto no Brasil. Fazendo um contraponto entre essa literatura infantojuvenil consolidada e o cenário contemporâneo atual, poderia apontar a relevância do livro A Mancha e de novos escritores que estão produzindo literatura para o público infantil?

GGF: Não quero sair jogando nomes. Vou só dizer uma coisa muito direta e simples. Por mais que você tenha citado uma série de livros que povoaram a minha infância e até o começo da adolescência, é preciso insistir que hoje temos uma qualidade *com* variedade absolutamente impensável cerca de 25 anos atrás. Existe, mais do que um mercado, um universo fascinante na literatura dita infantojuvenil. Eu a tenho acompanhado um bocadinho pelo menos desde 2011, quando nasceu nossa primeira filha, a Íris. O que posso dizer é que li muitos livros poderosos, e quando digo poderosos, não digo para a Íris e para o Dante, que veio depois, em 2014; poderosos para minha, para minha experiência de leitura. Se assim, acho que vivemos um momento incrível, de uma criatividade e uma atenção tensionada no próprio tempo, que é realmente fora de série.

14 - Gostaria de fazer uma pergunta um pouco mais pessoal, se me permitir. Você é pai de duas crianças, a Íris e o Dante. Além de pai escritor, você é um pai que lê/conta histórias para seus filhos?

GGF: Sou, acho que sou. Porque invento histórias de improviso, porque gosto de ler com eles, gosto de ouvi-los lendo para mim, gosto de ouvir as histórias que eles inventam, ou precisam me contar do cotidiano deles. Também improviso cantos, rimas, ideias amalucadas, que eles vão aprendendo a fazer sozinhos, de jeito que por vezes os pego inventando rimas e piadas comigo. E não me sinto nada especial fazendo isso, mas apenas cumpro o meu desejo: somos bichos que precisam de causos, eu preciso; fico feliz em ver que os meus filhos também demandam e desdobram poéticas e narratividades. Por outro lado, eles, mesmo sabendo que eu sou escritor e tradutor, além de professor, convivem pouco com a minha escrita. Nos últimos tempos, tenho tentando deixar isso mais poroso. Esta semana, a Íris ficou por cima do meu ombro, me vendo traduzir em tempo real. Gostei de sabê-la ali por um instante partilhando um gesto que é uma parte ínfima do fim de um livro, mas que é tudo que pode ser a construção de um livro. Logo o Dante poderá participar mais também, espero. Ele está terminando de firmar seu ritmo na leitura.

15 - *E os seus causos, você tem um livro de cabeceira infantil ou infantojuvenil? Na sua biblioteca pessoal existe algum personagem infantil que haja como o menino dos versos de Milton Nascimento, “toda vez que o adulto balança ele vem para [te] dar a mão”, ou seja, que tem te acompanhado ao longo da vida?*

GFF: Não sou do tipo que tem livros de cabeceira, sabe? Não tendo ao saudosismo, nem à repetição, porque anseio sempre o que desconheço. Pode ser apenas descompasso, mas é o que é. Dito isso, tenho um fascínio pela Emília do Monteiro Lobato (pobre Lobato que hoje apanha por muito do que merece apanhar). *Reinações de Narizinho* me pegaram pelo pé e pelo nariz. Cheguei a escrever, durante a graduação, um experimento meio torto de "traduzir" Emília para um conceito, torná-la quase um modo de vida. Queria muito que todo mundo tivesse lá sua cota de Emília, que houvesse bilhões de Emílias pelo mundo. Há nela um anseio desvairado de vida que me acompanha e que quero que me acompanhe mesmo.

16 - *Para finalizar, nos últimos 4 anos temos visto o projeto extensivo de sucateamento da educação e o desmonte das universidades públicas. Como pessoa plural (pai, professor, escritor, ensaísta tradutor, poeta, performer, etc.), atuante em vários seguimentos culturais, poderia comentar sobre a importância da leitura/literatura no contexto sociocultural brasileiro?*

GGF: Talvez a minha resposta te desaponte. A verdade é que não aposto minhas fichas especificamente na leitura, que por vezes ocupa um lugar de

fetichismo das elites letradas. Sim, a escrita é um meio que mudou completamente os caminhos possíveis do humano, e sou - querendo ou não - um homem completamente imerso nessa tecnologia que não perece. Mas o fundamental no embate é a defesa ao pensamento: e o pensamento precisa sobretudo de tempo e independência, de fundação cultural forte. A literatura está no embate porque ela luta pelas vidas plurais; não porque ela é feita de leitura. Mas a defesa mais profunda dela, na poesia, na ficção em geral, é a de vidas. E hoje combatemos um anseio cego de morte, uma devastação em tudo, explícita, obscena. A função da literatura, da poesia, das artes e da cultura é nos dar o ímpeto de vida, e as condições não só para ficarmos vivos, mas para lutarmos por essas vidas plurais de que somos feitos, inclusive as vidas fora da literatura.

Data de recebimento: 10 jul. 2022

Data de aprovação: 10 set. 2022